



Para além do Gosto: As classificações simbólicas na estrutura social

Sandy Sthephany Gomes de Oliveira

2º semestre/2019

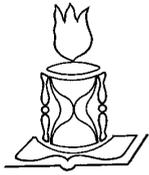
Introdução

O presente artigo busca realizar, ainda que breve, uma revisão bibliográfica sobre dominação simbólica à luz da discussão canonizada por Pierre Bourdieu. O esforço de empreender a revisão de parte dessa extensa literatura busca apresentar, de maneira sucinta, os principais conceitos que constituem a obra de Bourdieu. O primeiro movimento parte da compreensão dos instrumentos de apreensão da realidade social, isto é, conforme aponta Bourdieu (1989), a produção de ideias e concepções do mundo social é determinada por um sistema simbólico. A construção deste aparato cognitivo é produzida e apropriada por determinados grupos. Neste sentido, é possível questionar se as estratégias orientadas pelos agentes possuem certa competência política, ou seja, se conseguem produzir classificações simbólicas segundo as posições dos produtores na estrutura social (BOURDIEU, 1989).

Ainda, os sistemas simbólicos são produzidos por sistema de conhecimento e comunicação que exercem poder estruturado por serem estruturantes (BOURDIEU, 1983). Para destrinchar esta afirmação, é preciso compreender que, sendo os sistemas simbólicos formas de compreensão do mundo, naturalizam uma ordem fundamentada na reprodução social, ou melhor dizendo, o que está em voga são as posições no espaço social que correspondem a diferentes estilos de vida. Essas posições são fruto das reproduções simbólicas de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. (BOURDIEU, 1983).

O conceito de habitus: o engendramento de lógicas específicas

Os construtos cognitivos de retradução do mundo social podem ser assimilados aos gostos e estilos de vida. Para isso, é preciso recorrer ao conceito de *habitus* como expressões de um mesmo operador comum. Ainda, é possível compreendê-lo como



"sistema de disposições duráveis e transponíveis das quais eles são produtos que engendram lógicas específicas." (BOURDIEU, 2008b). O que o autor evidencia são as diferenças de classes e de estilos de vidas intrínsecas a uma posição de uma estrutura já constituída através de instrumentos de apropriação de um determinado conhecimento. O espaço social é uma ferramenta que evidencia a topologia social a partir da detenção de determinadas propriedades inerentes a cada campo. Essas propriedades caracterizadas pelo autor como recursos de poder, isto é, por não serem distribuídos de forma igualitárias entre os agentes, os capitais de cada campo, alocam os agentes a partir da espécie de capital que detêm.

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair o absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não como geralmente se julga reduzir ou destruir (BOURDIEU, 1989, p. 69).

Desta forma, a compreensão da lógica do mundo social evidencia estruturas cognitivas de um tipo particular de meio (condições materiais de existência) a serem apreendidas empiricamente sob formas de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado. Apresenta-se então um sistema de disposições duráveis de estruturas estruturadas e princípio gerador de práticas, constituindo o *habitus*. Para o autor, é preciso empreender o exercício de compreensão do *opus operantum ao modus operandi*, de forma a verificar a ordem observada e construir uma teoria da prática. (BOURDIEU, 2008b).

Posto isto, Bourdieu analisa dialeticamente as posições estruturadas com as práticas estruturantes, dada uma matriz de percepção, apreciação e ação. O *habitus* preenche uma função de apreender condições de existência de socialização de estruturas imanentes de um mundo particular, isto é, apreensão de um sistema simbólico de princípios fundamentais de construção e avaliação do mundo social.

Em sua análise de classe, Bourdieu, ao não reivindicar nenhuma linha teórica clássica, supera a dicotomia clássica da teoria social. O autor opunha-se fortemente à separação entre teoria e pesquisa, se esquivando da metodologia positivista. Em A



Distinção: crítica social do julgamento (BOURDIEU, 2008a), pesquisa realizada na França durante os anos 1960 a 1970, toma como objeto a relação entre classes e grupos de status (aqui delimitados por Weber como grupos de estilos de vida em comum). Para Bourdieu, essa distinção é dada pelo o aspecto material ou seja, o segundo referencial marxista que constituem as classe e o simbólico:

A classe "real", ser que ela alguma vez existiu "realmente", e apenas a classe realizada, isto é, mobilizada, resultado da luta de classificação como luta propriamente simbólica (e política) para impor uma visão do mundo social ou, melhor, uma maneira de construí-la, na percepção e na realidade, e de construir as classes segundo as quais ele pode ser recortado. (BOURDIEU, 2008b, p. 26)

Para o autor, as diferenças de status podem ser inferências das diferenças de classe. Este autor ao longo de toda sua carreira aderiu a uma rejeição à análise substancialista, também a antipatia dos estudos dos anos 1960 a 1970, pela delimitação de “verdadeiras” linhas divisórias entre as classes, prevalecendo para Bourdieu os estudos das práticas do que a conjuntura teórica. Para Bourdieu, as diferenças de status, compreendidas como estilos de vidas são manifestações de diferenças de classes, parte disto a negação em separar as classes *a priori*.

As formas classificatórias do Gosto

Neste sentido, os gostos e as aptidões sociais que, em uma primeira instância, são considerados inatos, isto é, dados como naturais ou compreendidos como dons, se observados com o rigor sociológico, podem-se verificar como produtos da associação de práticas culturais em diversos níveis de instrução formal, ainda, da origem social (BOURDIEU, 1979). Ainda, o gosto funciona como um demarcador de uma posição social, isto porque o estilo de vida é um conjunto unitário de preferências que apresentam uma lógica própria de cada espaço simbólico, isto é, compreendido com insígnias apropriadas por um determinado grupo, que podem ser assimiladas em bens materiais como vestimentas, móveis, objetos de arte ou imateriais como a linguagem e os gostos (BOURDIEU, 1989). Logo, para o autor, “é assim que a arte e o consumo artístico estão predispostos a desempenhar, independentemente de nossa vontade e de



nosso saber, uma função social de legitimação das diferenças sociais” (BOURDIEU, 2008a, p.14)

Decerto, o gosto pela arte predispõe uma relação com a arte legítima, quer dizer, uma determinada obra de arte só é dotada de sentido para aqueles que possuem os códigos para decodificá-la, ou, melhor dizendo, a recuperação de um aparato cognitivo de formação cultural sendo assim plausível qualificar e reconhecer determinados objetos. O que Bourdieu evidencia é que o “olho” para os bens culturais é um recorte historicamente produzido e incorporado pela educação (BOURDIEU, 2008a). Assim, a própria capacidade de cognição e apreensão da arte ou de bens culturais é dada apenas a aqueles que possuem as disposições ligadas a um capital cultural incorporado e capital escolar adquirido.

Desta forma, o que está sendo evidenciado é a construção e reprodução de um determinado sistema simbólico como sistema de classificação que impõe normas de produção e consumo a diferentes posições em um campo social associados a um sistema de posições característicos de cada classe. Para o autor, pode-se verificar, por exemplo, como visitas a museus e conhecimento de pinturas são traços correlacionados à detenção das propriedades de reconhecimento e codificação dos bens culturais. Logo, as posições sociais correspondem a diferentes estilos de vida pois são traduções simbólicas de diferenças objetivamente inscritas nas condições materiais de existência de vida, ou melhor explicando, os agentes sociais dispostos em classes se distinguem pelo grau que reconhecem a cultura legítima (BOURDIEU, 2008a). Posto isto, a cultura erudita é considerada como estranha ou inacessível, na falta de instrumentos de apropriação. O que se percebe é um movimento de negação do “vulgar ou servil” onde as classes populares são estigmatizadas pela superveniência a cultura dominante, associado a caracterização do gosto dado pela necessidade e praticidade, isto é, demarcado por uma ordem de função. Ainda, a relação que constitui a pequena burguesia com a cultura legítima ou erudita é a projeção de seus anseios de ascensão a classe dominante, o que o autor qualifica de “boa vontade cultural”, desta forma, dada a sua posição busca a associar-se às artes médias, isto é, não mais a pintura, mas a fotografia, da música clássica se inclina ao jazz (BOURDIEU, 2008a).

Posto isto, o sistema de classificação é operacionalizado pelo *habitus*, ou seja, inserido no sistema de disposições duráveis, é viabilizado pelo gosto. Assim, o que se



chama de bom gosto é o aparato de reconhecimento de símbolos, insígnias e códigos inerentes a uma determinada posição no espaço social. O que o autor propõe é a compreensão do *jogo dialético de pretensão da distinção*, ou melhor dizendo, o que fundamenta estilos e modos de vida, prevenindo-se da leitura substancialista e economista e tratando a partir da relação do conjunto de posições sociais vinculadas a conjunto de homologias de práticas sociais. Assim:

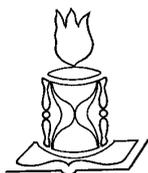
O gosto classifica aquele que procede à classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre a bela e a feio, a distinto e vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas. (BOURDIEU, 2008a, p. 13).

Com a ruptura marxista, Bourdieu possibilita pensar os agentes sociais através da posse e detenção de determinados capitais. Neste sentido, as classes são apresentadas como conjunto de agentes que se asseguram em uma posição semelhante no espaço social e há a probabilidade de ter práticas, gostos e estilos de vidas semelhantes (BOURDIEU, 1989). A percepção do mundo real é caracterizada por “uma dupla estruturação social”, ou melhor dizendo, estruturas mentais e sociais já estabelecidas e esquemas de percepção e apreensão do mundo como consequências de lutas simbólicas que constituem a imposição de uma percepção de mundo social. Deste modo, o espaço social tende a funcionar simbolicamente, isto é, caracterizando como um estilo de vida.

A distinção pelas credenciais

Desta forma, é importante ressaltar que as distinções são categorias inscritas na própria estrutura, dado que os dominantes do campo de produção cultural são também os ditados do espaço social. Posto isto, o trabalho de produção simbólica está presente ativamente no campo da produção cultural (BOURDIEU, 1989).

Neste sentido é possível pensar na categoria das elites, como uma categoria plural, como detentora dos instrumentos de apreciação e codificação de bens culturais e dos demais capitais em suas diversas formas. Para Bourdieu (2008a), a elite possui códigos próprios para identificação de classe, assim como gostos, trajetórias e aptidões, onde “os sistemas classificatórios” são instrumentos de poder em função de grupos



específicos, assim as práticas culturais mais tradicionais são também discriminantes. Partindo deste qualificativo, é possível a compreensão da elite, agora não mais pensada de forma homogênea, isto porque os estilos de vida é a distinção entre os “doutos e os mundanos” (BOURDIEU, 2008). Ainda, para Savage e Williams (2008), Bourdieu evidencia que as elites possuem status conforme a relação de acesso e controle de recursos – estes que são desproporcionais. Por último, olhar para as elites é retomar os estudos clássicos de Marx sobre estratificação social e de Weber quanto a dominação e legitimação desta ação. A clássica teoria das elites permite instrumentalizar novos debates sobre a distinção da minoria em torno das grandes massas e como estas ascendem ao poder e principalmente quais são seus mecanismos de manutenção e legitimação do *status quo*.

A principal instituição é o sistema educacional, que possibilita a manutenção e a reprodução do *status quo* da classe dominante ao fazer a seleção dos indivíduos a partir das estruturas sociais incorporadas pelos indivíduos das classes altas e objetivadas na sociedade pelas instituições (BOURDIEU & PASSERON, p. 235, 2016). Isto porque o sistema educacional se apresenta como ferramenta de diferenciação social ao designar insígnias como a obtenção de títulos e credenciais pelas instituições escolares, isto é, como a institucionalização, ou seja, a materialização do capital cultural a fim de ordenar posições na estrutura social a partir da chancela do diploma. A origem social é uma das formas centrais pelas quais os agentes adquirem capital Cultural:

Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico (BOURDIEU, 1999, p.5)

Desta forma, as ferramentas de construção da realidade social são inculcadas pela escola, pois as instituições escolares exercem a função de consagração das divisões sociais:

Tal como a etimologia da palavra credenciais (credentials) atesta – *credentialis* (dar autoridade, derivada ela própria de *credere*, crer,



acreditar) –, a outorga de um diploma é o clímax de um longo ciclo de produção de fé coletiva na legitimidade de uma nova forma de domínio de classe (Wacquant, 2007, p.43)

Desdobramentos na sociologia brasileira: o gosto das classes superiores

Como desdobramento dos estudos de Bourdieu e a aderência de uma reflexão sociológica, pode-se citar a pesquisa empírica que busca testar a tese da *Homologia entre espaço de produção cultural e espaço de consumo* (PULICI, 2014). A pesquisa empírica foi realizada em São Paulo e Rio de Janeiro entre 2006 e 2009 em oito casas de espetáculo. Foram analisados o Samba e o Choro, como microcosmos artísticos e relativamente autônomos, isto porque ainda assim são pertencentes a um subsistema que transfigura linguagem específica nas lutas simbólicas de classe e fração de classe em nome da representação legítima do mundo social. São agentes que estão ligados a *modos de visão de mundo onde a criação de subgêneros revela cisões sociais* em torno daquilo que primeiramente aparenta ser apenas da esfera estética (FERNANDES; PULICI, 2016). Percebem-se os subgêneros de “pagode comercial”, “Samba tradicional” e “Samba de raiz” e o seu grau mais nobre, o “choro”, sendo este ligado a um alto valor simbólico e baixa rentabilidade econômica, ou melhor explicando, *como a hierarquia socialmente estabelecida e reconhecida das artes corresponde a uma hierarquia a social de consumidores*. (BOURDIEU, 2008a)

Com o uso do recurso etnográfico, os autores observaram as casas de espetáculos de “pagode comercial” evidenciando o maior número de pessoas com faixa etária menor que 25 anos, corroborando a tese de que os mais jovens são mais propensos a consumir os espaços de menos legitimidade cultural. Nos espetáculos de Choro havia mais pessoas com maiores faixas etárias. Tal dado pode levar a tendências de interpretações que essas diferenças no gosto musical fossem devido a retradução simbólica das diferenças objetivamente inscritas nas condições de experiência de vida verificadas na idade; mas quando levadas em consideração as variáveis de capitais educacionais e socioeconômicos, observa-se que o “pagode comercial” absorve a camada desprovida destes mesmos.

Ainda foram analisados as profissões e os *status* dos consumidores para buscar abarcar as diferenciações em termos de ganhos materiais e honoríficos. Foi-se



observado que nas casas de espetáculos ligadas ao pagode comercial não foram encontradas profissões mais estimadas, o que ocorreu nas casas de choro e samba de tradicional. O que se infere é que os juízes estéticos dissimulam as divisões sociais. Assim, para Pulice e Fernandes, ao verificar o local de moradia, os frequentadores dos gêneros mais tradicionalmente legitimados se encontram nos bairros centrais, sendo que os ligados ao menor valor simbólico são residentes de bairros periféricos. Desta forma, este último estaria ligado ao consumo de blockbusters musicais que são difundidos por rádios, programa de televisão que possibilitam mais rápido retorno de investimento. Assim, seria ligado ao “descrédito ligado ao sucesso comercial” e depreciado pelos experts do gosto musical.

Da homologia de oferta musical e hierarquia social do público, observa-se que são recrutados das camadas mais elevadas os consumidores de “samba tradicional” e “choro”, ligados à concepção de uma afeição ao bom gosto em detrimento do gosto da maioria. *O choro é caracterizado como “música para músicos”, ou seja, uma forma legítima erudita.* Já com os amantes do pagode comercial, há a atitude de rechaçar a música erudita como um “blefe cultural”, isto é, atitude de docilidade diante uma inserção frustrada das disposições legítimas (FERNANDES; PULICE, 2016). Deste modo, os mecanismos diferenciadores colocaram-se em operação quando ocorreu o apogeu do pagode comercial. Retornando a Bourdieu, a classificação das coisas está ligada ao aparato cognitivo delimitado pelos sistemas simbólicos.

Se, como visto, o “pagode comercial” divide espaço físico com outros gêneros/subgêneros de fraca respeitabilidade cultural como o rap e o funk, o “choro” e o “samba tradicional” partilham, muito pelo contrário, espaços físicos com os muito mais discriminantes espetáculos teatrais, podendo até mesmo ocupar “teatros”, ou seja, locais destinados à encenação de manifestações artísticas consideradas mais legítimas pelas categorias coletivas de percepção e hierarquização das realidades culturais (FERNANDES; PULICI, 2016, p. 146).

Ainda, Pulici (2014) discute os processos de distinções sobre as práticas alimentares por meio da análise das práticas e representações de frações de elite brasileira sobre o universo gastronômico. A autora realizou entrevistas semi-diretivas com representantes de classes altas de São Paulo. Ainda buscou em material de



imprensa e manuais de etiqueta à mesa, outras formas de mensurar maneiras e práticas consideradas legítimas.

A alimentação é uma prática socialmente distintiva, como demonstram estudos recentes que atestam a persistência das diferenças sociais em matéria de consumo alimentar. Para a autora, entre as classes superiores brasileiras, as práticas alimentares constituem um modo de distinção social que conduz à valorização da refeição parcimoniosa e investida de alguma solenidade (PULICI, 2014). Apoiada em Bourdieu, observa-se que a ética da sobriedade para a magreza é adaptada aos grupos dominantes:

Se o apetite voraz é atributo daqueles que não conseguem se desviar do prazer “fácil” das satisfações corporais, a alimentação parcimoniosa é, ao contrário, privativa daqueles que, sendo mais liberados das urgências do mundo, são também mais capazes de se regalar com a arte culinária “cerebrina” que hoje se impõe como distintiva (PULICI, 2014, p.5)

Desta forma, a autora averiguou como as representações das classes superiores buscam se distinguir dos demais outros grupos da sociedade brasileira (PULICI, 2014). Ainda, a distinção com as classes populares recorreria ao modo de “estetizar sua cozinha e maneiras à mesa e tendem a ver nos hábitos alimentares populares uma indiferença às dimensões estéticas da alimentação” (PULICI, 2014, p.10). O que a autora atesta é como as classes superiores tende a desqualificar a função fisiológica e prazerosa com a qual é caracterizada a relação com a alimentação que as classes populares constituem, como forma de distinção de classe.

Faz-se pertinente ressaltar como parte constitutiva da proposta deste artigo, a possibilidade de perscrutar os principais conceitos da extensa obra de Bourdieu. Ainda que esta revisão seja incipiente, permite viabilizar o construto teórico e, desta forma, compreender como as categorias cognitivas de apreensão da realidade social se transmutam em classificações simbólicas fundamentando a reprodução social.

Bibliografia

BOURDIEU, P. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Zouk, 2008a [1979]



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia

Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: Sociologia. ORTIZ, Renato (org.).
Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. São Paulo: Ática.1983.

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação* I Pierre Bourdieu: Campinas, SP:
Papirus, 2008b.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *A Reprodução – Elementos para uma teoria do ensino*. Petrópolis: Vozes, 2016

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; PULICI, Carolina Martins. Gosto musical e pertencimento social: O caso do samba e do choro no Rio de Janeiro e em São Paulo. *Tempo Social (USP. Impresso)*, v. 28, p. 131, 2016.

NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; Catani, Afrânio.(Orgs.) Pierre Bourdieu. *Escritos em Educação*. Petrópolis: Vozes. 1998.

PULICI, Carolina. A alimentação solene e parcimoniosa: práticas gastronômicas como fonte de distinção das elites brasileiras. *Revista Eco-Pós (Online)*, v. 17, p. 1-15, 2014.

WACQUANT, Loïc. Lendo o “capital de Bourdieu”. *Educação & Linguagem*, 16, jul-dez. 2007, p. 37-62.

_____. Esclarecer o habitus. In: *Educação & Linguagem*, 16, jul-dez. 2007, p. 63-71.